

Verba para aposentadoria ganha da educação

• Num país em que ainda se gastam 13% do Produto Interno Bruto com aposentadorias e pensões e apenas 3% em educação fundamental, o desafio do desenvolvimento é grande, disse o economista José Márcio Camargo, da PUC-Rio. Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da FGV, lembrou que o Brasil precisa alcançar a nota média 6 em 2021, pelo ranking da OCDE. Hoje é 3,8. **Página 20**

Para economistas, maior desafio é a educação

Danielle Nogueira e
Cássia Almeida

• O maior desafio econômico do Brasil é melhorar a educação. Esse foi um consenso entre diversos participantes do seminário "Cenários e Perspectivas para o Brasil". O economista da PUC-Rio José Márcio Camargo lembrou que o Brasil gasta 16 vezes mais, em termos *per capita*, com aposentadoria do que com educação. Enquanto as aposentadorias consomem 13% do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de bens e serviços produzidos pelo país), os investimentos em educação fundamental limitam-se a 3%. No entanto, os brasileiros com mais de 65 anos respondem por 8% da população, ao passo que os com até 15 anos representam 30%.

— Basta fazer as contas para ver que gastamos 16 vezes mais com aposentados do que com educação — disse Camargo.

Economista defende ensino em tempo integral

Camargo acrescentou que, historicamente, o Brasil dá pouca importância à educação:

— Investir em capital físico sem investir em capital humano (educação) faz com que a produtividade e a taxa de crescimento caiam ao longo do tempo, eventualmente levando à estagnação. O Brasil fez uma opção pelo primeiro — afirmou Camargo, lembrando que, com exceção do ex-governador Leonel Brizola e do senador Cristovam Buarque, nenhum político de expressão nacional levantou a bandeira da educação.

Ele defendeu que o Brasil mantenha os alunos do ensino pré-escolar e fundamental na es-

cola por tempo integral.

Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afirmou que a agenda agora é a qualidade da educação. Ele lembrou que esse processo já começou com as metas adotadas pelo governo para 2021.

— A nossa nota é de 3,8 pelo Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica). Ou seja, o Brasil foi reprovado. A meta é chegar a 6 em 2021, a média dos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e das escolas privadas hoje.

Segundo Neri, o Brasil conseguiu reduzir a pobreza recentemente, bem mais que no período do milagre, descobrindo “a reserva da desigualdade”, ou seja, os pobres que estavam fora do mercado:

— Essa é a década da redução da desigualdade. Na próxima década vamos dar os mercados aos pobres, via educação de qualidade, regularização fundiária e microcrédito.

No caso do Rio, a educação tem papel ainda mais preponderante. Para André Urani, do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), o estado tem vocação para a economia criativa.

— A gente está colocando muita ênfase no bonde do passado, como petroquímica e siderurgia. Projetos de audiovisual, economia criativa e turismo deveriam ser priorizados. ■

“

Não dá para os meninos ficarem três ou quatro horas na escola. Temos que universalizar o tempo integral no ensino pré-escolar e fundamental

José Márcio Camargo

Nossa nota é de 3,8 (na avaliação da educação básica). O Brasil foi reprovado

Marcelo Neri



CAMARGO, DA PUC: “É preciso investir em capital humano”



ANDRÉ URANI, do Iets: prioridade para economia criativa



NERI, DA FGV: “Essa é a década da redução da desigualdade”